

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

KETHELYN ANHAIAS DE BRITO

“MULHER, TUA FÉ TE SALVOU”
QUEM SÃO AS MULHERES EVANGÉLICAS FEMINISTAS?

CURITIBA - PR

2018

KETHELYN ANHAIAS DE BRITO

“MULHER, TUA FÉ TE SALVOU”

QUEM SÃO AS MULHERES EVANGÉLICAS FEMINISTAS?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social — Jornalismo da Universidade Federal do Paraná.

Trabalho orientado pelo professor doutor Elson Faxina.

CURITIBA

2018

Dedico este trabalho à minha mãe que nunca podou meus questionamentos mesmo quando não entendia o que eu questionava.

“Até que o feminino seja reconhecido no Ser Divino e a justiça seja estabelecida na Igreja pela completa igualdade da mulher e do homem, a Igreja não pode ser completamente cristã”.

Elizabeth Cady Stanton

RESUMO

Feminismo e cristianismo possuem semelhanças, mas também contradições. Mulheres que se definem como feministas e cristãs são, muitas vezes, colocadas à margem e têm seus discursos questionados nos dois segmentos, em um são hereges e em outro são alienadas. Essas mulheres lutam para criar ambientes de debate sobre feminismos dentro das igrejas. O objetivo é dar visibilidade e voz, através de um documentário, para que essas mulheres que pertencem a esses dois espaços possam falar das suas vivências, motivações e reflexões sobre o movimento feminista dentro dos espaços religiosos. As personagens entrevistadas serão evangélicas. Este recorte foi escolhido dado ao crescente número de fiéis, por conta do alto índice de mulheres evangélicas vítimas de violência doméstica e por conta da alta representatividade evangélica no Congresso Nacional. O documentário não tem por objetivo chegar a conclusões, mas sim de levantar o debate sobre o tema e descobrir formas viáveis de levar discussões feministas para dentro das igrejas evangélicas, se tem como.

Palavras-chave: Evangélicas. Feminismo. Mulheres. Documentário. Debate.

ABSTRACT

Feminism and Christianity have similarities, but also contradictions. Women who define themselves as feminists and Christians are often placed on the sidelines and have their discourses questioned in the two segments, in one are heretics and in another are alienated. These women strive to create environments for debate about feminisms within churches. The objective is to give visibility and voice, through a documentary, so that these women who belong to these two spaces can talk about their experiences, motivations and reflections on the feminist movement within the religious spaces. The characters interviewed will be evangelical. This cut was chosen due to the growing number of faithful, due to the high number of evangelical women victims of domestic violence and because of the high evangelical representation in the National Congress. The documentary does not aim to reach conclusions, but rather to raise the debate on the subject and discover viable ways to bring feminist discussions into the evangelical churches, if any.

Keywords: Evangelicals. Feminism. Women. Documentary. Debate.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.2 JUSTIFICATIVA	9
1.3 OBJETIVOS	11
1.3.1 OBJETIVO GERAL	11
1.3.2 OBJETIVO ESPECÍFICO	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1. BREVE RESGATE HISTÓRICO DA ATUAÇÃO FEMININA NO MEIO CRISTÃO	13
2.2 DOCUMENTÁRIO	21
3. METODOLOGIA	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
5. REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

Há um mito de que Eva não teria sido a primeira mulher de Adão, mas sim Lilith. O mito de Lilith tem origem nas diferenças narrativas entre o primeiro e segundo livro bíblicos de Gênesis sobre a criação da vida humana¹ e, principalmente, por conta do “Alfabeto Ben-Sira”, um dos textos que compõe o *Talmud* - coletânea de textos sagrados da cultura judaica. Segundo o Alfabeto Ben-Sira, Lilith teria sido criada do barro e do mesmo sopro de vida que Adão, mas negou-se a deitar-se sob ele na hora do sexo, negando assim a superioridade masculina. Como protesto, deixou o Éden. A ousadia de Lilith vai contra todos os princípios da religião patriarcal e por este motivo sua história teria sido apagada.

De Lilith à mulher moderna, aquelas que se rebelam contra os padrões religiosos patriarcais, têm suas vozes silenciadas. A religião, e neste caso a ser abordado o cristianismo, mais especificamente a denominação evangélica, tem sido usada para a manutenção do poder do homem sobre a mulher. Doutrinas criadas para que mulheres se sintam culpadas por simplesmente questionarem a origem de sua submissão. Há diversas regras criadas que abarcam somente o público feminino, como mulheres não podem exercer o pastorado por terem nascido mulheres, na maioria das denominações cristãs; mulheres que desde cedo são ensinadas a serem boas esposas, o que significa saber cozinhar, arrumar a casa, ser silenciosa e obediente; mulheres que têm o direito à sexualidade e conhecimento do próprio corpo podado desde a infância. A lista da educação violenta fornecida às mulheres e que a religião dá subsídio é longa - aspectos geralmente reforçados nas cerimônias de diversas denominações.

A vida pública e direitos das mulheres vêm sendo travados nos espaços políticos. Na teoria, a laicidade do Estado está garantida pela Constituição brasileira, porém a realidade é outra. A bancada evangélica no Congresso Nacional cresce a cada dia², movimento proporcional a onda religiosa e conservadora que cresce no

¹ No primeiro capítulo de Gênesis Deus cria juntos o homem e a mulher (“*E criou Deus o homem à sua imagem e semelhança; à imagem de Deus criou; homem e mulher os criou*”. – Gênesis 1.27), mas no segundo capítulo aparece a formação de Eva (“*E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele. [...] E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão*”. – Gênesis 2.18, 22).

² Segundo levantamento do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), em 2019 a bancada evangélica terá 91 parlamentares no Congresso Nacional.

Brasil. Com tantos representantes religiosos, direitos simples como acesso ao aborto em caso de estupro estão sendo questionados.

O movimento feminista, criticado fortemente por boa parte das religiões monoteístas, pois luta pela igualdade e equidade entre homens e mulheres, renegando assim a submissão das mulheres aos homens, princípio base do patriarcado, vem ganhando espaço e voz. Uma das razões para tal crescimento é a expansão da internet. É certo que a luta feminista não começou com o surgimento da internet, ela está acontecendo há décadas. Mas é inegável que a internet tem um papel significativo nas novas conquistas e nos novos públicos alcançados. Com centenas de milhões de informações correndo por todos os cantos, pesquisas relacionadas ao tema chegam onde antes os discursos feministas não ecoariam, um desses espaços são as igrejas.

Os ambientes religiosos e “as representações cristãs de gênero têm cumprido uma função social na manutenção e perpetuação de um modelo bem definido de masculinidade e feminilidade, ou seja, modelos que definem quem são socialmente” (VILHENA, 2010, p.4). Homens são colocados como líderes apenas por serem homens. A capacidade de condução religiosa é debate apenas entre os candidatos homens. Por isso, a maioria dos líderes das igrejas cristãs são padres e pastores e cabe às mulheres serem auxiliadoras, o ombro amigo, aquelas que trabalham nos bastidores. O cenário patriarcal das igrejas está longe de ser mudado. Mas há mulheres que conheceram o feminismo, seja pela internet ou por uma amiga, e estão dispostas a fazer a diferença dentro das igrejas que frequentam.

Feministas cristãs vêm criando os próprios espaços de debates para questionar papéis de gênero por serem colocadas à margem tanto no meio cristão quanto no meio feminista³, como os grupos de *Facebook* Feminismo Cristão e Feminismo à luz da Bíblia. Em um são consideradas hereges modernas, em outro, alienadas. Não é dado a essas mulheres o direito de dizer os motivos que as levam a se colocarem na sociedade como feministas e cristãs, e é com esse objetivo que

³ A rejeição por parte do movimento tradicional feministas às mulheres religiosas é sentido no dia a dia. Na reportagem da BBC Brasil, publicada em julho de 2015, “Feministas evangélicas se unem contra duplo preconceito” há diversos relatos de mulheres que não se sentem acolhidas dentro das discussões feministas por decidirem não abrir mão da fé. Na reportagem, Thayô Amaral, criadora do grupo Feministas Cristãs no Facebook, conta como é estar nos dois seguimentos. “Nos sentimos minoria tanto dentro da igreja quanto dentro do movimento (feminista). Perguntam como podemos ser cristãs se as religiões cristãs oprimem as mulheres há milênios. Nós tentamos mostrar que existe a religião e existe a fé. A minha fé é a cristã, mas isso não significa que eu concorde com a opressão que a religião impõe às mulheres”, afirma Thayô.

este documentário audiovisual está sendo proposto. É preciso entender através das vozes das próprias mulheres como elas se posicionam nos ambientes evangélicos enquanto feministas.

1.2 JUSTIFICATIVA

Se identificar como cristã, provavelmente, é mais fácil do que se identificar como feminista. Cerca de 86,8% da população brasileira se declara cristã⁴ (Censo IBGE 2010). Os ritos de ir à igreja, orar, rezar, batismo, Santa Ceia, entre outros, fizeram parte da infância e estão atrelados à rotina de grande parte dos fiéis. A igreja significa para muitos cristãos o segundo lar e está além de uma relação restrita a fé, há uma relação de afeto com a estrutura física da igreja e com as pessoas que compõem a comunidade, o corpo de Cristo.

Já o feminismo aparece na sociedade com uma dose de estereótipos e desinformação. As feministas são colocadas como mulheres que querem negar a feminilidade, subjugar e maltratar homens, que desejam, literalmente, ocupar o papel do homem na sociedade. Essas características estereotipadas causam horror aos religiosos, pois colidem diretamente com muitas doutrinas da igreja. Esse horror gera uma barreira entre o que dizem ser o feminismo e o que de fato é o feminismo, fazendo com que muitas mulheres neguem por completo o movimento.

O desconhecimento do movimento feminista, dos direitos das mulheres e a naturalização das violências cometidas por homens no seio da igreja faz com que mulheres não reconheçam tais violências ou não responsabilizem os agressores por tais atos. No livro “Uma Igreja Sem Voz” (2011) a pesquisadora Valéria Cristina Vilhena mostra que 40% das vítimas de violência doméstica são mulheres evangélicas. Essa grande porcentagem de mulheres evangélicas vítimas de violência doméstica também aparece no Centro de Referência de Atenção à Mulher Loreta Valadares. De todas as mulheres atendidas em 2017, 33% professavam a fé evangélica, sendo o maior grupo de vítimas, mas também o que menos procurou delegacias. A fé das mulheres que se encontram dentro das igrejas faz com que muitas procurem o pastor e não registrem os casos de violência.

⁴ 64,4% se declara católica e 22,2% se declara evangélica. Dados disponíveis em: <https://goo.gl/hximDJ>

"No caso específico da violência, o sujeito agressor, o pastor em seus aconselhamento ou prédicas, bem como as mulheres agredidas poderão perfeitamente culpar as forças demoníacas por covardes ações violentas contra as mulheres, e em contrapartida essa mulher pode encontrar, na religião, uma grande aliada para a conservação de valores que lhe trazem uma pseudo-segurança". (VILHENA, 2009, p. 100)

Esse passar pano das igrejas brasileiras, tanto católicas quanto evangélicas, sobre violência contra a mulher é facilmente observado nos dados do 12º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2018). Em um país majoritariamente cristão, 4.539 mulheres foram assassinadas em 2017; 221.238 casos de lesão corporal enquadrados na Lei Maria da Penha foram registrados, o que significa 606 casos por dia; 60.018 estupros foram contabilizados. Esses dados sobre violência contra a mulher podem ser ainda maiores, uma porque há mulheres que não registram os atos de agressão, outra porque o Distrito Federal, Espírito Santo, Tocantins, Mato Grosso e Roraima não informaram os dados. Isso tudo no que tange às violências visíveis. Infelizmente não há dados sobre a violência simbólica e psicológica com as quais mulheres convivem diariamente. Segundo Vilhena (2009) a religião possui uma força normatizadora dos papéis de gênero tradicionais (homens são agressivos mesmo, porque são provedores da casa; mulheres devem ser submissas e silenciosas) "e para cumprir bem "seus papéis", algumas mulheres vêm se submetendo a violências diversas".

É por conta desse emaranhado de violências aceitas dentro das igrejas, sendo colocando a culpa em possessões demoníacas ou fingindo que o problema não existe, que é urgente a discussão feminista dentro desses espaços. Apesar da evolução da sociedade, a discriminação contra as mulheres nunca deixou de existir, ela só se tornou mais refinada, ganhou roupagem nova e as mulheres encontram nas instituições evangélicas uma pseudo-segurança contra essas violências, apesar dos discursos feitos no púlpito reforçá-las no imaginário dos fiéis (VILHENA, 2009).

As mulheres cristãs, no caso a ser abordado neste trabalho as evangélicas⁵, que ousam quebrar a barreira do que é dito sobre o feminismo passam por processos de desconstrução, muitas vezes, solitários e dolorosos. Há um choque com o que sempre disseram que elas deveriam fazer e ser. Não há bons olhos para

⁵ A denominação evangélica foi escolhida por conta da alta representatividade no Congresso Nacional e porque segundo dados do CENSO 2010 do IBGE ela continua crescendo enquanto o catolicismo vem diminuindo no Brasil. Outro fator importante para essa escolha foi o grande índice de mulheres evangélicas vítimas de violência doméstica.

com essas mulheres e elas podem ser negadas em seus dois espaços de luta: a igreja e o movimento feminista. Se assumir feminista dentro do espaço religioso é aceitar a carteirinha de herege moderna, de promíscua e tantos outros adjetivos utilizados para desqualificar seus discursos. Se assumir cristã (evangélica) dentro de alguns grupos feministas é aceitar a carteirinha de alienada que não entende as imposições que a religião deposita no ser mulher.

Pensando nas mulheres que unem o feminismo, a fé cristã e que não abrem mão de participarem de igrejas evangélicas que este documentário está sendo proposto. A lacuna de representatividade e silenciamento dessas mulheres que são colocadas à margem de suas igrejas e da maioria das discussões feministas precisa cessar. Apesar de outras religiões e da população sem religião estar crescendo no Brasil⁶, a maioria da população brasileira ainda é cristã e há estimativas que até 2040 católicos e evangélicos terão a mesma porcentagem de fiéis (ALVES, 2012), ou seja, as discussões feministas e as igrejas precisam aprender a andar lado a lado, pois:

"(...) se o discurso sobre o imaginário de "Deus" superasse a figura androcêntrica e valorizasse outras imagens da criação, seria admissível a ideia de um novo re-ordenamento sistêmico da sociedade (...) onde a hierarquização social e a cosmovisão do sagrado não alimente a discriminação de gênero, de raça, de idade, de etnia, mas incorpore outras figuras da criação." (MARTINEZ, 2003, p. 89 *in* VILHENA, 2009, p. 76)

Então, por que não começar escutando as mulheres evangélicas que unem feminismo e cristianismo para superar a discriminação de gênero tanto dentro das igrejas como fora? Por que não deixar as mulheres que estão dentro dos dois ambientes falarem por si só se é possível ou não ser feminista e cristã? É com esse objetivo que o documentário está sendo proposto.

1.3 OBJETIVO

1.3.1 GERAL

⁶ Nos anos 2000 a religião espírita representava 1,3% da população brasileira, e em 2010 cerca de 2%; a umbanda e candomblé representavam tanto em 2000 e 2010 cerca de 0,3%; outras religiões representavam em 2000 cerca de 1,8%, e em 2010 cerca de 2,7%; e as pessoas sem religião representavam em 2000 7,4%, e em 2010 representavam 8% da população brasileira. (Dados Censo 2000 e 2010 do IBGE)

Dar visibilidade, por meio de documentário audiovisual, às mulheres que se encontram dentro do movimento feminista e do ambiente religioso evangélico.

1.3.2 ESPECÍFICOS

Mostrar quais os caminhos que as mulheres estão traçando para levantar o debate sobre os papéis de gênero dentro das igrejas cristãs.

Mostrar as relações de afeto que essas mulheres possuem com a igreja e como o feminismo mudou isso, se mudou.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 BREVE RESGATE HISTÓRICO DA ATUAÇÃO FEMININA NO MEIO CRISTÃO

Neste trabalho a fonte que dá corpo e voz ao documentário serão às próprias vivências das mulheres entrevistadas. Mas para compreender mais sobre as atuações femininas dentro das igrejas evangélicas, muitas vezes tendo como base discussões feministas, é preciso voltar ao início do cristianismo e aos primeiros anos após a Reforma Protestante⁷.

O período histórico em que Jesus nasceu era extremamente desigual entre mulheres e homens. Por conta do texto de Gênesis em que Eva é castigada por comer do fruto do bem e do mal⁸ e dos pensamentos sobre as mulheres importados dos gregos e romanos⁹, as mulheres judias eram consideradas mercadorias e inferiores aos homens.

“Na época em que Jesus nasceu, as mulheres não tinham permissão para falar com um homem em público... nem mesmo com o marido. [...] As mulheres eram proibidas de comer no mesmo recinto em que os homens estivessem reunidos, de receber instrução da Torá (as Escrituras) com homens ou de entrar no pátio interno do templo para prestar culto na companhia dos homens. [...] Todas as manhãs o fariseu começava o dia dando graças a Deus por não tê-lo feito “um gentio, uma mulher ou um escravo”. A mulher era considerada propriedade de seu pai. Esse direito de propriedade era transferido ao marido quando ela se casava e para o filho quando ela enviuvava”. (JAYNES, 2016, p. 31, 32)

⁷ A Reforma Protestante foi um movimento de reforma cristã liderado por Martinho Lutero, monge agostiniano e professor de teologia germânico, no século XVI. O principal objetivo da Reforma era contestar algumas práticas da Igreja Católica Romana, como a venda de indulgências (uma forma de comprar o perdão de Deus e por consequência um pedacinho no céu). Apesar de Lutero ter muitos conflitos e questionamento com a Igreja, o que realmente o levou a escrever as 95 teses e pregá-las na porta da igreja de Wittenberg foi a atitude do Papa Leão X de conceder indulgências para aqueles que contribuíssem com a construção da Basílica de São Pedro em Roma. A Reforma causou uma ruptura no meio cristão e deu origem a denominação protestante, ou evangélica.

⁸ “E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para teu marido e ele te governará”. (Bíblia Sagrada. Gênesis 3.16)

⁹ Sócrates (470-399 a.C), filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga, acreditava que nascer mulher era um castigo divino, já que o ser mulher era o meio do caminho entre o animal (irracional) e o homem (racional). Já Platão (427-347 a.C), filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, acreditava que os homens que não viviam de maneira adequada reencarnavam como mulheres. As mulheres na Grécia também eram consideradas um grande perigo e distração para os homens que desejavam ser sábios. O olhar dos romanos sobre as mulheres não era tão ruim, mas, ainda assim, acreditavam e ensinavam que as mulheres deveriam sempre estar sobre a tutela de um homem. (JAYNES, 2016. p. 29, 30)

O fato de as mulheres não poderem estar no pátio interno do templo e prestar culto junto aos homens é uma das muitas barreiras criada por homens e que nada tem a ver com o desejo divino. As descrições que Moisés recebeu de Deus para a construção do tabernáculo (templo) contém apenas três ambientes: 1) o átrio externo (Êxodo 29.9) em que todos, tanto homens quanto mulheres, poderiam estar presentes para prestar culto; 2) a tenda da congregação (Êxodo 27.21), Lugar Santo, em que os sacerdotes entravam para colocar azeite no candelabro; 3) o altar do incenso (Êxodo 30), Lugar Santíssimo, em que apenas o sumo sacerdote podia entrar uma vez por ano para oferecer sacrifícios para expiar os pecados do povo.

Porém o templo de Herodes¹⁰, localizado em um monte com vista para Jerusalém, tinha dois ambientes a mais.

“A área externa, o átrio dos gentios, era um local de livre acesso a todos os judeus e gentios tementes a Deus. O nível seguinte chamava-se átrio das mulheres, ao qual todos os judeus, tanto homens quanto mulheres, tinham acesso. O terceiro nível chamava-se átrio dos israelitas, e somente homens judeus cerimonialmente puros podiam entrar. O quarto nível conduzia ao Lugar Santo, onde apenas os sacerdotes tinham permissão para entrar. Finalmente, o quinto nível abrigava o Lugar Santíssimo, onde o sumo sacerdote entrava uma vez por ano, no Dia da Expição”. (JAYNES, 2016, p. 219)

Essas divisórias entre homens e mulheres na hora da adoração não deveria existir e em umas das passagens bíblicas Jesus fez questão de quebrar essa barreira. Em um sábado Jesus estava no templo e observou uma mulher encurvada (Lucas 13.10). Vale lembrar que se a mulher estava no templo, ela estava no átrio das mulheres, lá trás, separadas dos homens “merecedores” de poder adorar Deus em público, e que Jesus também estava no mesmo local, por isso, conseguiu vê-la. Ou seja, Jesus não se importava de estar no mesmo lugar e de olhar para as mulheres, ao contrário dos fariseus¹¹. Ao vê-la, Jesus a chamou e disse que ela estava curada. Ao falar diretamente com ela, Jesus quebrou a barreira que impedia o diálogo entre homens e mulheres - barreira que quebrou todas as vezes que se relacionou com mulheres durante seus anos ministeriais - e reconheceu a presença

¹⁰ O templo de Herodes foi construído entre 19 a.C e 63 d.C por Herodes e seus filhos. (JAYNE, 2016, p. 219)

¹¹ “Alguns fariseus eram chamados de “os feridos e ensanguentados” porque fechavam os olhos sempre que viam uma mulher na rua, e, por causa disso, trombavam com muros e casas enquanto andavam”. (JAYNES, 2016, p. 32)

de fé nas mulheres ao chamar pela primeira vez uma mulher de “filha de Abraão”¹², honraria antes dada apenas aos homens.

“O convite de Jesus à mulher encurvada pôs fim ao monopólio masculino de adoração em público. Quando a colocou sob holofote, diante de toda a sinagoga, Jesus estraçalhou a visão masculina do mundo. Naquele dia, deve ter havido um suspiro coletivo nas fileiras onde se sentavam os homens ilustres. Será que Jesus não sabia que o que estava fazendo? As mulheres precisavam ficar em seu devido lugar, escondidas atrás das telas divisórias!”. (CUNNINGHAM e HAMILTON, p. 116 in JAYNES, 2016, p. 220)

Outro momento que Jesus colocou em xeque as tradições religiosas que mantinham as mulheres a margem da sociedade foi quando aceitou ensinar Maria de Betânia (cf Lucas 10.38). As mulheres naquele período não podiam de maneira nenhuma aprender as doutrinas das Escrituras, pois eram consideradas tão incapazes de aprender quanto as crianças e os escravos (JAYNES, 2016, p. 175). Ao aceitar Maria sentada aos seus pés ouvidos seus ensinamentos sobre Deus, Jesus derruba mais uma barreira e mostra a todos os presentes que as mulheres eram dignas de aprender as Escrituras e de participar dos estudos teológicos.

Jesus não só falava com as mulheres em público e as ensinava sobre as Escrituras, ele também se deixava tocar por elas¹³, algo totalmente proibido para a época, e as aceitava como discípulas.

“Aconteceu, depois disto, que andava Jesus de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus, e os doze iam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios; e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Suzana e muitas outras, as quais lhes prestavam assistência com seus bens”. (Lucas 8.1-3)

Maria Madalena, provavelmente, foi a discípula mais importante da época, tanto que Jesus lhe deu a missão de contar aos discípulos sobre a sua ressurreição (cf João 20) - fato que é usado para defender o pastado e ministérios de mulheres.

¹² Abraão é conhecido como o pai da fé. (cf Romanos 4.11)

¹³ Em Marcos 5.25 uma mulher que sofria de hemorragia, considerada pela época impura, lhe tocar as vestes; em Lucas 7.36, uma mulher adentrou uma sala cheia de homens, proibido na época, e ungiu os pés de Jesus com precioso unguento; em João 12.1-8, Jesus tem a cabeça e os pés ungidos por Maria de Betânia.

Jesus libertou as mulheres dos “grilhões culturais, sociais e religiosos que as mantinham cativas” (JAYNES, 2016, p. 141) antes mesmo de iniciar seu ministério. Essa tal liberdade começou quando João Batista passou a falar do batismo de arrependimento (cf Mateus 3) através da imersão em água e que tanto homens quanto para mulheres poderiam fazê-lo, ao contrário do ritual da circuncisão que era realizado apenas nos bebês meninos como forma de incluí-los na comunidade judaica e na vida religiosa (cf Gênesis 17.9).

Essas inclusão à vida religiosa que Jesus proporcionou às mulheres é vista no livro de Atos e nas cartas de Paulo, onde é possível ver em várias passagens que as mulheres se tornaram discípulas (Atos 9.36), profetas (Atos 21.9), que falam em línguas (Atos 2), missionárias (Romanos 16.1,2) e evangelistas (Romanos 16.12).

“As mulheres também atuavam nos templos como diaconisas ou, até mesmo, financistas. Lídia, que vivia em Filipos, na Macedônia, trabalhava como vendedora de um material caríssimo chamado púrpura, e seu dinheiro deve ter sido de vital importância para a congregação iniciante. Na verdade, as mulheres se tornaram tão influentes que Porfírio, um filósofo não religioso, muito conceituado por volta do ano 300, comentou que elas atrapalhavam o cristianismo”. (BLAINEY, 2012, p. 31)

É importante entender as relações de Jesus com as mulheres e quais papéis elas adquiriram na igreja primitiva para compreender melhor as reivindicações das mulheres durante e após a Reforma Protestante.

Nos primeiros anos após a ressurreição de Jesus, os discípulos passaram a realizar diversas viagens missionárias. Com um trabalho incessante a igreja começou a crescer junto com as perseguições.

“A lealdade de Paulo às novas igrejas cristãs era inabalável. Oficiais romanos nas províncias começaram a suspeitar de que, com isso, ele não prestaria lealdade ao imperador e muito menos aos deuses romanos. Paulo percebeu o perigo. Ao contrário de Jesus e da maioria dos líderes da nova religião, ele ao menos tinha as prerrogativas de um cidadão romano, e podia buscar a proteção da lei. Ainda assim, foi preso e açoitado. Por volta do ano 60, chegou preso a Roma, onde as acusações contra ele passaram por um longo processo”. (BLAINEY, 2012, p. 31)

Paulo não permaneceu muito tempo com vida após ser solto. Em uma das perseguições do Imperador Nero aos cristãos, Paulo foi assassinado perto do rio Tibre. A perseguição romana acompanhada da morte também tinha chegado a Pedro alguns anos antes (BLAINEY, 2012, p. 31).

A igreja primitiva começou a ganhar *status* de instituição quando os líderes passaram a ser vestir de forma diferente dos outros membros da igreja e passaram a organizar certas hierarquias e doutrinas (BLAINEY, 2012, p. 36). Nesse período já não se observa a participação feminina nas discussões teológicas.

Após anos de perseguição, o cristianismo encontrou o caminho para se propagar de maneira tranquila durante o governo de Constantino, que determinou que os cristãos deveriam ser livres para proferirem a fé que desejassem. Constantino também determinou que o “Estado desse um auxílio financeiro aos sacerdotes que trabalhavam no norte da África pela “legítima e sagrada religião católica¹⁴” (BLAINEY, 2012, p. 43).

“Em 324, depois de outra vitória militar decisiva, Constantino se tornou o único imperador, governando todas as colônias romanas do mar Negro ao oceano Atlântico, e do rio Nilo à parte superior do rio Reno. Mais poderoso do que nunca, ele continuou a implantar sua religião. A morte por crucificação foi abolida, em um gesto de profundo significado para os cristãos. O sistema de cobrança de impostos começou a favorecer as igrejas e outras propriedades cristãs. A cruz, adotada como símbolo, passou a figurar nos escudos dos soldados romanos”. (BLAINEY, 2012, p. 43)

Graças às atitudes de Constantino, o cristianismo conseguiu se expandir ainda mais e, por consequência, foi preciso um nível ainda maior de organização e mobilização dos seguidores de Cristãos. Para se manterem unidos os cristãos eremitas passaram a morar em comunidades chamadas mosteiros. “O ingresso no mosteiro implicava renunciar ao mundo exterior e a todos os seus prazeres, e esquecer o passado” (BLAINEY, 2012, p. 50), algo que seguiu como regra àqueles que se chamados posteriormente padres e freiras. O primeiro grande mosteiro, o Grande Laura, inaugurado em 960 d.C, transformou a montanha em um retiro espiritual em que as mulheres, até mesmo os animais fêmeas, eram proibidas de viver lá¹⁵.

As mulheres reclusas em conventos, geralmente solteiras e viúvas, eram poucas se comparadas aos homens, mas suas organizações não passavam despercebidas. Elas cuidavam dos doentes, se alfabetizavam para ler a Bíblia para

¹⁴ No evangelho de Mateus 28.18 Jesus diz aos discípulos que possuem todo o poder sobre a terra e os céus. A expressão ‘todo’ em grego pode ser traduzida como ‘Kat-holon’. Aí o surgimento da palavra católico (em grego Καθολικός). Canção Nova. O que é ser católico?, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/9bzHgH>>

¹⁵ Aqui vale lembrar da visão que romanos e gregos tinham das mulheres, que elas atrapalhavam e eram um perigo aos homens que desejavam ser sábios, tanto que “a partir de 810, foi evitada a localização muito próxima de conventos e mosteiros”. (BLAINEY, 2012, p. 67)

outras mulheres, organizavam corais e procissões. As monjas, como eram chamadas naquele momento as mulheres que viviam em conventos, eram estimuladas a permanecerem solteiras, pois alguns líderes cristãos consideravam que assim elas serviriam melhor a Deus (BLAINEY, 2012, p. 52).

Apesar das mulheres encontrarem muitas restrições sociais e de papéis de gênero nos conventos, elas também encontravam educação, pois lá elas aprendiam a ler, escrever, calcular, cantar e fazer música (ULRICH, 2016, p. 79).

A partir deste ponto iremos utilizar o convento católico para relembrar da atuação feminina na Reforma Protestante e após ela.

Quando Martinho Lutero publicou as 95 teses e alegou que a salvação era por graça do Salvador e que não era necessário o pagamento de indulgências e sacrifícios físicos, ele causou o maior rebuliço não apenas entre os homens da igreja, mas também entre as mulheres. Lutero criticava duramente a vida monástica e isso fez com que muitos homens e mulheres abandonassem mosteiros e conventos. Uma das mulheres que abandonou a vida monástica para se juntar a Reforma foi Katharina von Bora.

Como Katharina havia vivido desde os seis anos de idade em convento, sua educação era altíssima, algo que ajudou diretamente nos rumos da Reforma. Katharina se casou com Lutero e teve que conviver com os pensamentos contraditórios do marido sobre as mulheres. Por um lado, ele acreditava que a casa e a maternidade eram lugares destinados às mulheres; por outro, elogiava as mulheres que tinha coragem de se posicionar nos espaços públicos e na política - caso de Katharina (ULRICH, 2016, p. 75).

“Katharina rompeu com muitas fronteiras do seu tempo. Enumero alguns desses rompimentos: 1) um dos seus primeiros atos foi um gesto de rebeldia. Ela fugiu do convento, enfrentou todos os perigos, inclusive perigo de morte. Com isso assumiu que a salvação pode ser vivida fora dos muros do convento. A salvação é por graça e fé. Princípio fundamental da reforma luterana; 2) escolheu com quem queria casar e casou-se com o reformador Martinho Lutero; 3) participou das conversas à mesa e discussões teológicas com estudantes e reformadores. Lutero a chamou de doutora; 4) rompeu com o mundo privado. Ela foi chamada pelo marido de juíza, mercadora no mercado de porcos. Isso significa que ela negociava no mercado. O mercado era parte do mundo público, onde quem negociava eram os homens; 5) além do mais, Katharina é considerada a primeira administradora, empreendedora rural, pois ser Hausfrau (dona de casa) tinha outro significado daquele que conhecemos hoje. Dona de casa aqui significa ser a administradora de todos os bens da família (casa, terras, animais), inclusive da produção intelectual do marido, pois era ela quem

negociava com os editores dos escritos de Lutero. Katharina controlava o orçamento familiar". (ULRICH, 2016, p. 78)

Após a morte de Lutero, a vida de Katharina se tornou muito difícil, pois, infelizmente, ainda se acreditava que as mulheres precisavam de um tutor masculino e Katharina portanto estava sem. Isso fez com que perdesse o direito aos bens materiais e vivesse a velhice na pobreza (ULRICH, 2016, p. 79).

Outra Katharina que marcou a história protestante foi Katharina Schütz Zell. Ao contrário do que acontecia com outras mulheres que recebiam acesso à educação através do convento, Katharina S. Z. foi alfabetizada em casa. Sua leitura ávida da Bíblia lhe fomentou muitos questionamentos sobre a vida religiosa (ULRICH, 2016, p. 87). Assim como von Bora, Katharina S. Z. também casou com um ex-clérigo da Igreja Católica, Matthäus Zell.

Matthäus considerava Katharina sua pastora assistente, a incentivava nos seus escritos teológicos e que ela o acompanhasse em suas viagens ministeriais. "Havia entre os dois uma cumplicidade na ação em favor da Reforma Protestante" (ULRICH, 2016, p. 88).

Essa grande atuação de Katharina Schütz Zell fez dela a primeira pregadora da Reforma.

"Ela pregou em público três vezes: a primeira vez em janeiro de 1548, quando morreu o seu marido. As outras duas vezes ela pregou na hora do enterro de duas mulheres, adeptas do pregador Schwenckfeld. Os pastores não realizaram o enterro, pois consideravam os/as seguidores/as de Schwenckfeld, heréticos, pois, em seu entender, os mesmos haviam se separado da Igreja. Katharina entendia que a pessoa cristã necessitava exercitar o amor incondicionalmente, princípio da Reforma protestante e da liberdade cristã". (ULRICH, 2016, p. 89)

Apesar de Katharina von Bora e Katharina Schütz Zell participarem na linha de frente da Reforma, isso não acontecia com todas as mulheres. No entanto, "no início do século XIX, as idéias feministas também atingiram as mulheres protestantes européias e norte-americanas (..) passaram a lutar pela emancipação feminina e a igualdade de espaço administrativo no interior da igreja" (SILVA, 2015, p. 166).

Um dos pontos altos da atuação feminina na Reforma foi a publicação da "Bíblia das Mulheres" em 1898, sob o cuidado de Elizabeth Stanton, que fazia uma releitura bíblica sobre a mulher. Segundo Stanton (1993. p. 7 *in* Silva, 2015, p. 167)

o rigor da análise acabava com a visão protestante que “ensinava que a mulher trouxe pecado e morte para o mundo, que ela precipitou a queda da raça e ela por tudo isto será julgada nos céus, condenada e sentenciada”.

Aqui no Brasil também teve forte participação feminina no protestantismo. Como destaques podemos citar Martha Watss e Anna Koppal da denominação metodista; Missionária Browne e Florence Maude Been da Igreja Anglicana; Sara Poulton Kalley e Henriqueta Braga da denominação congregacional; Anne Luther Bagby e Arquimínia Meirelles da Igreja Batista¹⁶.

Essas mulheres citadas acima trabalharam fortemente nas escolas dominicais e na alfabetização de outras mulheres.

“Para as mulheres protestantes brasileiras, pertencentes às camadas populares, a comunidade religiosa representava o único espaço público onde podiam se relacionar, mesmo que prioritariamente fosse exercitado o aspecto religioso. Representava ainda, para essas mulheres, a possibilidade de crescimento intelectual, pois as analfabetas, de imediato, eram incentivadas a participarem da escola anexa para aprender a ler a Bíblia”. (SILVA, 2015, p. 173)

Como esse breve resgate histórico da participação feminina nas igrejas, desde a igreja católica até as protestantes, é possível compreender que as igrejas devem e muito aos esforços femininos. Trabalhadoras assíduas, muitas delas enfrentaram os maus olhos, os boatos e a difícil tarefa de se colocar em um ambiente majoritariamente dominado por homens. Situação, inclusive, que muitas mulheres enfrentam até hoje ao levantar os questionamentos sobre os papéis de gênero feminino dentro e fora das igrejas. Triste perceber que certas barreiras da igreja primitiva ainda precisam ser derrubadas.

“A luta das mulheres continua. Ser reconhecida publicamente em sua atuação ainda é um desafio a ser superado. Mulheres pastoras ainda são questionadas se de fato são capazes de assessorar uma comunidade, se são capazes de pregar, de realizar enterros, batizar, realizar a Ceia do Senhor. Mulheres em cargos públicos e de liderança ainda são vistas com desconfiança. Há muitas igrejas, ditas protestantes, que ainda não ordenam mulheres para os seus ministérios”. (SILVA, 2015, p. 92)

¹⁶ As mulheres protestantes: educação e sociabilidades - Elizete da Silva - Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano VII, n. 21, Jan/Abr de 2015

2.3 DOCUMENTÁRIO

Pode-se dizer que as raízes da sétima arte, como é conhecido o cinema, é o documentário. Entre saídas de funcionários e chegadas de trem, os irmãos Lumière buscavam captar fragmentos da realidade com o engenhoso cinematógrafo. Não havia nenhum tipo de linguagem cinematográfica. A câmera ficava parada e filmava o tempo que fosse possível. Mas é justamente essa câmera parada que apenas registra os acontecimentos que diferencia o documentário do cinema de ficção. Segundo o documentarista João Moreira Salles (2004, p. 6) o documentário precisa de uma narrativa e não apenas registros da realidade.

E essa narrativa é apenas uma representação da realidade, não uma reprodução (NICHOLS, 2005, p. 47). Não alterar a realidade é uma tarefa impossível, tendo em visto que as perguntas do documentarista para o entrevistado, as escolhas de enquadramento e a ordem da montagem evidenciam um recorte que o diretor fez para dar visibilidade àquele assunto. Coutinho (1997) acredita que não é os equipamentos que o documentarista utiliza que muda o modo com que as pessoas se portam, falam, agem, mas sim a presença de alguém que não pertence àquele lugar. “Essa possível interferência de comportamento, no gesto e na fala existe também para o historiador oral, que não tem câmera, mas tem um gravador, que pode ser um gravador de bolso, então a simples presença já muda”.

O termo documentário só foi utilizado em 1926 por Grierson, em artigo do jornal americano *New York Sun* sobre o filme *Moana*, de Robert Flaherty¹⁷ e de lá para gera discordância entre acadêmicos e documentaristas do que de fato é um documentário. Nichols (2005) acredita que amor, cultura e documentário estão na mesma linha de dificuldade em ter uma definição específica, pois os indivíduos envolvidos alteram o significado e produto final. Essa mutação do que é documentário de fato também é defendida por Penafria (1999, p. 7). Segundo ela “o gênero documentário reinventa-se a cada vez que é produzido um novo documentário”.

¹⁷ Manuela Penafria. O filme documentário em debate: John Grierson e o movimento documentarista britânico, p. 1. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-filme-documentario-debate.pdf>>

Por conta de reinvenção, cada documentário possui uma linguagem diferente, isso não é só por conta de personagens, equipe técnica e materiais utilizados. Os estilos documentais possuem características marcantes e que dão sentidos totalmente diferentes. Alguns estilos, segundo Nichols, uma das maiores referências em cinema documental, são:

- Estilo poético: enfatiza mais o estado de espírito, o tom e o afeto;
- Modo expositivo: agrupa fragmentos de maneira mais retórica ou argumentativa. Há muita utilização da voz de Deus (o narrador é ouvido, mas não é visto nas filmagens);
- Modo observativo: a câmera é apenas um mero observador. O diretor/a ou cineasta busca interferir o mínimo possível na realidade que está documentando;
- Modo participativo: o diretor/a participa da cena (com perguntas, ações) e mostra para o público como é participar daquele contexto;
- Modo reflexivo: é estilo que mais questiona o papel do documentário e que mais tem consciência sobre si.
- Modo performático: a subjetividade e os depoimentos/relatos dos personagens ganham ênfase. O real e o imaginário se combinam para conduzir o público a uma percepção mais emotiva do documentário.

Cada diretor/cineasta escolhe o estilo do documentário de maneira pessoal, podendo ser apenas um ou uma combinação de estilos, com base no que deseja passar ao público. Por ser uma escolha pessoal, o documentário levanta muitas questões éticas sobre representação. Segundo Nichols (2005, p. 28), o documentarista assume, muitas vezes, o papel de representante de anseios alheios, além de colocar um ponto de vista mediante o público.

"Você, quando tem uma câmera, pode deformar essa pessoa do ponto de vista da lente usada [...]; você tem um ângulo da câmera que pode ser para baixo ou para cima e que também pode derrubar essa pessoa, isto é, conotá-la pejorativamente. E mais ainda, você tem a possibilidade de dispor da entrevista desta pessoa e eventualmente manipulá-la. Você pergunta algo a uma pessoa, ela diz "não", mas, através da montagem, você pode manipular o depoimento e transformar uma afirmação no seu contrário". (COUTINHO, 1997)

As pessoas retratadas nos documentários são colocadas como atores sociais, ao contrário do que acontece nos filmes de ficção, que não estão ali por conta de uma questão salarial ou contratual.

As “pessoas” são tratadas como atores sociais: continuam a levar a vida mais ou menos como fariam sem a presença da câmera. Continuam a ser atores culturais e não artistas teatrais. Seu valor para o cineasta consiste não no que promete uma relação contratual, mas no que a própria vida dessas pessoas incorpora. Seu valor reside não nas formas pelas quais disfarçam ou transformam comportamento e personalidade habituais, mas nas formas pelas quais comportamento e personalidade habituais servem às necessidades do cineasta. (NICHOLS, 2005, p. 31)

Por seu caráter de representação, o documentário é utilizado como mobilizador social e palco para debates. É com esse intuito que este projeto será realizado em forma de documentário.

3 METODOLOGIA

Este trabalho se desenvolveu como documentário audiovisual, para justamente dar visibilidade para mulheres que estão dentro das igrejas evangélicas e que são feministas.

A primeira parte deste trabalho a ser desenvolvida foi a pesquisa histórica sobre a atuação feminina dentro do protestantismo. Essa pesquisa foi importante para entender melhor as demandas atuais das mulheres protestantes e para ajudar a elaborar perguntas para as entrevistadas. Ao todo foram entrevistadas cinco mulheres de diferentes denominações evangélicas:

- Bianca Rati: designer, uma das criadoras do Projeto Redomas (projeto que faz discussões sobre as igrejas pela ótica cristã e feministas), membro da Igreja Presbiteriana Independente (Curitiba – Paraná). A Bianca foi indicada pelo próprio projeto Redomas através do *in box* do Facebook;
- Gabriela Wegner: jornalista, membro da Igreja Batista do Cajuru (Curitiba – Paraná). A Gabriela foi umas das principais mulheres que conversei sobre feminismo e cristianismo por conta de estudarmos juntas e já termos feitos trabalhos sobre o tema ao longo da graduação;
- Flávia Freitas: recepcionista, estudante de psicologia, membro da Igreja Batista da Cajuru (Curitiba – Paraná). Por frequentar a mesma igreja que a Gabriela Wegner, ficou sabendo do tema do meu trabalho de conclusão de curso e quis participar;
- Bruna Ribeiro: auxiliar administrativa, membro da Primeira Igreja Batista (Curitiba – Paraná). A Bruna se ofereceu para ser uma das entrevistadas no post que fiz no grupo de Facebook Feministas Cristãs;
- Mariana Figueiredo: jornalista, mestranda, membro da Igreja do Evangelho Quadrangular (Curitiba – Paraná). A Mariana foi indicação de uma mestranda de jornalismo que conheci no ano de 2016.

O recorte geracional das entrevistadas não foi intencional, mas acabou sendo algo que apareceu enquanto as fontes eram escolhidas. A opção por diferentes denominações se fez necessárias para mostrar que evangélicas feministas estão espalhadas pelas igrejas e não se prendem a essa ou aquela denominação.

A não escolha de teólogas e de pesquisadoras em gênero para o documentário foi intencional. Em grande parte das igrejas evangélicas, o pastorado não possuem graduação em Teologia, fazendo com que as discussões teológicas acadêmicas fiquem entre os estudiosos, sendo muito difícil chegar aos membros leigos. Já sobre as discussões feministas há visão de que elas são acadêmicas e que não chegam nas mulheres que se encontram fora da academia. Apesar de todas as entrevistas terem conhecido o feminismo na escola ou faculdade, apenas uma delas pesquisa ativamente as questões de gênero. Ao trazer mulheres que não estão nem dentro das discussões acadêmicas teológicas nem de discussões de gênero, se buscou mostrar que ambas discussões podem ser realizadas por mulheres comuns.

As gravações foram realizadas ao longo de 20 dias. As entrevistas foram gravadas no campus de Comunicação Social, na Reitoria e no campus Botânico da UFPR. Todos os takes, condução de entrevista, iluminação e sonorização foram realizados apenas por mim, gerando uma grande dificuldade no processo, porque um trabalho que normalmente é feito em equipe foi realizado apenas por uma pessoa.

Para as gravações foi utilizada uma *DSLR Canon T5i* com uma lente 18-55mm. Para a captação do áudio, foi utilizado um microfone lapela *Boya M1* conectado diretamente à câmera. Em todas as entrevistas foi utilizado o tripé *PrimaPhoto*. Apenas na entrevista da Bianca Rati se fez necessário a utilização de uma luz de led do modelo *HD-160*.

Antes das entrevistas as fontes não sabiam quais perguntas iriam responder. Essa decisão foi tomada para que diante da câmera houvesse as primeiras reações das entrevistadas, dando assim um tom de maior naturalidade e menor intervenção possível na linha de raciocínio dessas mulheres. Havia apenas cinco perguntas pré-estabelecidas para todas as mulheres, como: qual sua relação com a igreja?; como conheceu o movimento feminista?; por que é tão difícil levantar debates feministas dentro das igrejas?; é possível ser evangélica e feminista?. Outras perguntas foram aparecendo com conforme as respostas foram sendo dadas. Ter perguntas pré-estabelecidas para todas as entrevistadas ajudou na montagem da linha de raciocínio do documentário.

Não houve grandes edições das entrevistas, apenas uma leve correção de cor e de iluminação. Até mesmo porque o notebook utilizado para a edição não possui placa de vídeo, o que torna o processo de edição mais lento e difícil. A edição tanto nos softwares Sony Vegas quanto Adobe Premiere foi prejudicada por esse fator do equipamento, mas no fim tudo foi editado no Sony Vegas por ser um programa mais leve.

A escolha do tom amarelo para os detalhes do documentário se deve por causa que um dos seus significados ser “luz”, e Jesus no livro de João (8.12) se auto denomina a luz do mundo. Os discípulos de Jesus também são chamados de luz do mundo no livro de Mateus (5.14).

A escolha do nome para o documentário, “Mulher, tua fé te salvou”, é referência a várias passagens bíblicas que Jesus se refere às personagens femininas como “mulher” como uma demarcação de representatividade feminina e à uma das cenas mais marcantes entre uma mulher e Jesus. Em Lucas 7.50 é narrado que uma mulher pecadora entrou na casa de um sacerdote, algo proibido, se debruçou sobre os pés de Jesus e os ungiu com suas lágrimas e unguento precioso e secou com seus cabelos. Ao final Jesus lhe disse: “Filha, tua fé te salvou”.

Outra questão que me levou a escolher esse título é que fé, por definição de Paulo em Hebreus 11.1, é a certeza daquilo que não se pode ver. O movimento feminista luta há muito tempo por avanços que ainda não podem ser vistos. A luta é na esperança e fé que os direitos reivindicados uma hora se concretizarão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema deste trabalho foi fundamentalmente pessoal. Criada em um lar cristão, a igreja evangélica sempre esteve presente na minha rotina. Os princípios bíblicos nortearam minha educação.

Outro fator que marcou a minha criação foi a presença constante da minha mãe, das minhas tias e primas. Eu tinha um pilar na minha vida que dizia que as mulheres deveriam ser submissas e dar prioridade para os cuidados da casa; e o outro que me mostrava mulheres cristãs não submissas e que sempre trabalharam fora e que não abriam mão da independência financeira.

Os conflitos se tornaram mais complexos com a medida que eu me envolvia com os trabalhos da igreja e estudava as pautas feministas. Como consequência da solidão criada tanto na igreja como nos coletivos feministas que tentei participar - em um eu era herege e no outro alienada - comecei a minha busca por outras mulheres que tinham o mesmo conflito que eu: ser evangélica e feminista.

Esse grande envolvimento emocional com o tema dificultou as entrevistas – que foram longas, em média 1h30min cada, sendo a maior de 2h30min – e a edição do documentário – muito material gravado. O apego às questões criou uma aura de “tudo é importante” e por diversas vezes precisei me lembrar da objetividade jornalística que aprendi durante esses quatro anos de graduação.

Outra dificuldade que tive durante a produção deste trabalho, mas que no fim é um dos meus maiores aprendizados é o perigo de deixar a fonte conduzir a entrevista. A Mariana Figueiredo logo no início do encontro me deixou desconfortável ao dizer que possuía pouco tempo e ao decorrer da entrevista constantemente olhar o relógio. Antes de eu falar a primeira pergunta, ela começou a me contar a história dela. Em uma hora de entrevista consegui apenas fazer duas perguntas para a Mariana e isso fez diferença na edição do documentário, porque ela não havia respondido as mesmas perguntas que as outras entrevistadas.

Os aprendizados que adquiri durante esse trabalho foram inúmeros. No quesito jornalismo, os principais com certeza foram sobre condução de entrevistas e desenvolver um grande trabalho sozinha, tendo em vista que ao longa da graduação de jornalismo da UFPPR a maioria dos trabalhos são realizados em equipe.

No ponto de vista pessoal, percebi outras áreas de interesse, como a teologia, o que fez surgir em mim a vontade de continuidade de estudo sobre mulheres evangélicas. Também pude e tive que desenvolver autoconfiança em relação ao meu trabalho. Realizar tudo sozinha (iluminação, takes, entrevistas, sonorização, edição) foi uma grande dificuldade, mas que no fim forçou o meu desenvolvimento tanto profissional quanto pessoal.

O saldo de conhecer outras mulheres que possuem as mesmas questões e enfrentam as mesmas dificuldades nas igrejas e no feminismo foi positivo. Encontrar mulheres de luta espalhadas pelas igrejas evangélicas em diferentes estados do Brasil – além das mulheres que estão no documentário, entrei em contato com outras através dos grupos de Facebook Feministas Cristãs e Feminismo à Luz da Bíblia – colocou fim ao sentimento de solidão que eu sentia.

O documentário apresentado passou por muitas dificuldades, incluindo a falta de uma segunda câmera para dar mais dinamismo, mas trouxe grandes aprendizados. Ainda há um longo caminho pela frente. A luta pelas mulheres acontece todos os dias e enfrenta obstáculos antigos e novos. Com a produção de documentário percebi que posso utilizar os conhecimentos que adquiri durante a graduação de jornalismo para ajudar a mobilizar as igrejas em favor dos direitos femininos.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Eustáquio Diniz. A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: a diversificação e processo de mudança de hegemonia. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, v. 12, n. 2, JUL-DEZ, p. 160, 2012.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2018. Disponível em: <https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2018/08/FBSP_Anurio_Brasileiro_Seguranc_a_Publica_Apresentacao_2018.pdf>. Acesso em 2 nov. 2018

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do cristianismo**. Editora Fundamento, 2012.

BORGES, Thaís. (10 de setembro de 2017). Sofrendo em silêncio: evangélicas são as que mais buscam o Loreta Valadares por violência doméstica. Correio. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/falta-de-engajamento-das-igrejas-evangelicas-diante-da-violencia-domestica-diz-pesquisadora/>>. Acesso em 30 out. 2018

BRITANICA, Enciclopaedia. Elizabeth Cady Stanton. 2018. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Elizabeth-Cady-Stanton>>. Acesso em 10 jun. 2018.

CENSO IBGE 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em 2 nov. 2018.

CONSOLIM, Veronica Homsy. A história da primeira onda feminista. Justificando. 2017. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/09/14/historia-da-primeira-onda-feminista/>>. Acesso em 10 jun. 2018.

Costa, C. (31 de julho de 2015). Nas redes sociais, feministas evangélicas se unem contra duplo preconceito. BBC Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150729_salasocial_evangelicas_feministas_cc>. Acesso em 2 nov. 2018

COUTINHO, Eduardo. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. *Projeto História*, São Paulo, 1997.

DEIFELT, Wanda. Mulheres pregadoras: Uma tradição da Igreja. Portal Luteranos. 2014. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/mulheres-pregadoras-uma-tradicao-da-igreja>>. Acesso 01 dez. 2017.

FEMINISTA, QG. O que são as ondas do feminismo?. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>>. Acesso em 10 jun. 2018.

INSTITUTO HUMANITAS DE ENSINO. As mulheres esquecidas da Reforma protestante. 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/502383-as-mulheres-esquecidas-da-reforma-protestante>>. Acesso em 30 out. 2018.

MEDEIROS, Cristiano. Cresce o número de evangélicas que aderem ao feminismo. Geledés, Instituto da Mulher Negra. 2017. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/cresce-o-numero-de-evangelicas-que-aderem-ao-feminismo/#gs.dfkeeil>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papirus Editora, 2005.

PENAFRIA, Manuela. O filme documentário em debate: John Grierson e o movimento documentarista britânico. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-filme-documentario-debate.pdf>>. Acesso em: 1º nov. 2018.

PENAFRIA, Manuela. Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo. 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.pdf>>. Acesso em: 1º nov. 2018.

PORTILHO, Gabriela. Teoria da Conspiração: Lilith, a primeira mulher de Adão. Revista Mundo Estranho. 2015. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/religiao/teoria-da-conspiracao-lilith-a-primeira-mulher-de-adao/>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

RAMOS, Fernão P. Prefácio. In: NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005. p. 11-16.

ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **cadernos pagu**, n. 16, p. 79-96, 2001.

ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, n. 1, p. 294-304, 2006.

SILVA, Elizete. As mulheres protestantes: educação e sociabilidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, Ano VII, n. 21, Jan/Abr de 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/26581/15658>>. Acesso em 2 nov. 2018.

SOUSA, Gonçalo. Cinema documental: de onde vem o documentário?. Mundo de Cinema. 2016. Disponível em: <<http://mundodecinema.com/documentario>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

THÂMARA, Thamyra. Feminista e cristã pode?. Agora é que são elas. 2016. Disponível em: <<http://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2016/06/13/feminista-e-crista-pode/>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

TÓPICOS EM CINEMA. Marcos da história do documentário: origens e desenvolvimento do gênero. Disponível em: <<http://topicosemcinema.blogspot.com.br/p/marcos-da-historia-do-documentario.html>>. Acesso em: 01 dez. 2017

ULRICH, Claudete Beise. A atuação e a participação das mulheres na reforma protestante do Século XVI. **Estudos de Religião**, v. 30, n. 2 • 71-94 • maio-ago. 2016.

Vilhena, V. C. (2010). RESULTADOS DE UMA PESQUISA: UMA ANÁLISE DA VIOLÊNCIA. *Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*.

Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1280156603_ARQUIVO_ValeriaCristinaVilhena.pdf>. Acesso em 2 nov. 2018

VILHENA, Valéria Cristina. "Pela Voz das Mulheres: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher - Casa Sofia". Disponível em:

<<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/529/1/Valeria%20Vilhena%20Mestrado.pdf>>. Acesso em 30 out. 2018.